

A Igreja de S. Dâmaso de Guimarães

PROÉMIO

«Para poderem estimar e conservar os preciosos monumentos da igreja para estarem aptos a orientar como convém os artistas na realização das suas obras, devem os clérigos, durante o curso filosófico e teológico, estudar a história e evolução da Arte Sacra, bem como os seus princípios em que deve fundar-se» (S.C., n.º 129).

Este parágrafo da Constituição *Sacrosanctum Concilium* encerra a razão formal que suscitou o nosso trabalho.

Creemos, no entanto, que esta razão pressupõe uma outra de que temos consciência: um Templo é a casa do Senhor, e, por isso, deve possuir a dignidade na sua constituição e disposição dos seus diversos elementos. Não apenas por mero gosto estético ou artístico, nem somente por razões litúrgico-funcionais, mas sobretudo porque, sendo casa de Deus, deve, pela estruturação proporcional, eficiente e condigna, levar por si mesmo os homens ao diálogo com Deus, a sentir a presença de Deus.

Poderíamos ter escolhido outra Igreja para objecto do nosso estudo; porquê São Dâmaso?

Antes de tudo porque se nos deparou logo de início o acesso à documentação indispensável e suficiente para um estudo desta natureza, embora não pretendamos uma elaboração sistemática e científica, mas limitada às nossas capacidades e disponibilidade. Em segundo lugar porque a leitura dos primeiros documentos sobre a igreja de São Dâmaso despertou a curiosidade e coragem suficiente para avançar, mercê dos eventos curiosos a ela ligados.

A metodologia que seguimos é simples: recolha de notas e dados documentais directamente relacionados com os assuntos

esquemáticamente programados; o registo dos testemunhos, interligação dos dados e observação quanto possível atenta.

Reconhecemos que há lacunas e falhas, mas estamos simultaneamente satisfeitos com o esforço que, quando não seja mais, possa no futuro ser continuado por outros.

CAPÍTULO I

CONTEXTO GEOGRÁFICO E HUMANO DA PARÓQUIA E SUA IGREJA

Criada em vinte de Maio de 1967, por decreto do Excelentíssimo Prelado da Arquidiocese de Braga, D. Francisco Maria da Silva, a paróquia de São Dâmaso — que tomou o nome do Patrono da Igreja — não coincide, administrativamente, com nenhuma freguesia do Concelho de Guimarães. O espaço geográfico por onde se estende, distribui-se pelas áreas das freguesias de Azurém — *a Norte — Costa — a Sul — Mesão Frio — a Nascente — e Oliveira — a Poente* —, cujos limites são mencionados no mesmo decreto de fundação (cf. anexo).

O âmbito da paróquia de São Dâmaso compõe-se de um conjunto de escassas elevações, mais distintas a Norte e a Nascente, e de vales que lhe outorgam uma configuração geográfica variada, enriquecida por bons horizontes. Toda a área geográfica está incluída no interior da circunscrição cidadina, segundo o decreto 328/72, de vinte e dois de Agosto.

Embora os censos populacionais não se refiram à paróquia de São Dâmaso, porque dizem respeito apenas à divisão administrativa civil, pode estimar-se o número de habitantes próximo de quatro mil e quinhentos, distribuídos por 1320 fogos (dados relativos a 1984), o que representa um acréscimo em relação a Junho de 1967 em que a população se aproximava dos 3500 habitantes. A população agrupa-se em bairros, que, para a população activa profissionalmente, funcionam como dormitórios.

Sensivelmente no centro geográfico da paróquia, num plano airoso e suficientemente visível, localiza-se a igreja paroquial

que dista aproximadamente 2 Km do centro da cidade. Defronte da fachada da igreja, voltada a Poente, abre-se o campo de São Mamede no limite do qual se levanta o Castelo de Guimarães. Deste lado o acesso à igreja verifica-se através de um lanço de sete escadas a que se segue, até aos degraus da entrada, um espaço de adro. Todo o adro se encontra calcetado em paralelo em redor da igreja, condizendo perfeitamente com a mesma. Do lado Norte é servida pela estrada nacional n.º 207-4. Do lado Sul corre também uma estrada paralela à anterior, da qual se obtém acesso à igreja, por um lanço de escadas que desce para a parte do adro situada defronte da igreja. Ligam estas duas estradas uma outra, perpendicular às anteriores, no lado Nascente. Excluindo a parte da frente da igreja, nos demais lados do adro é separado da estrada por um espaço em terra no qual estão plantadas algumas árvores. Dos lados exteriores das ruas existem renques de casas de paredes contíguas.

A frequência religiosa, segundo nos testemunhou o pároco actual, ronda 60% da população residente. A igreja tem utilização permanente, não existindo nela, para além da celebração Eucarística solenizada em dia de São Dâmaso, qualquer romaria ou festa.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

1. A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE SÃO DÂMASO

Nos documentos e bibliografia a que recorreremos, embora as datas estejam precisas e claras relativamente aos acontecimentos, actos e pessoas relacionados com a igreja de São Dâmaso, em nenhum deles se pode comprovar com exactidão o tempo em que se deu início à sua fundação.

Isto mesmo já o concluíra o Padre António José Ferreira Caldas em 1881:

«Do anno em que se lançara à terra a primeira pedra d'este duplo monumento christão da piedade e caridade, dedicado ao nosso compatriçio São Dâmaso, não achei memória alguma; (...）」¹.

Nos mesmos documentos verificamos, também, que não são concordantes algumas informações relativamente ao ano da construção e ao(s) mestre(s) ou artista(s) que a orientaram. Antes porém de emitirmos uma opinião própria, exponhamos os dados que se oferecem à nossa consideração.

Segundo a tradição, comprovada pelos documentos, como veremos, a igreja de São Dâmaso deve a sua fundação ao cumprimento do testamento de Lucas Rebelo, efectuado a 9 de Junho de 1609². No seu testamento, Lucas Rebello, abade de Santa Comba de Regilde, situada nas margens do rio Vizela, prescrevia e instituía *«por herdeira universal de todos os seus bens, a irmandade das Chagas e Cordão de São Francisco, com a obrigação de edificar uma capela para o serviço da mesma irmandade, e junto dela um hospital, para o tratamento d'ecclesiasticos pobres e seculares igualmente pobres de Santa Comba»*³.

Sabemos que a irmandade das Chagas e Cordão de São Francisco apenas deu início ao cumprimento do prescrito no testamento de Lucas Rebello, volvidos 16 anos à data do testamento. Foi então *«(...) que em 1625 conseguiu a compra d'umas casas, e quintal de Diogo de Miranda d'Azevedo, pela quantia de cem mil reis; com o fim de n'este local, hoje rua de São Dâmaso, realizar as determinações do instituidor»*⁴.

Daqui em diante as datas não são concordes nos vários documentos. Segundo o testemunho do Padre Caldas *«(...) em 1641*

¹ Padre António José Ferreira Caldas, *Guimarães, apontamentos para a sua História*, vol. II (Porto, 1881), p. 126.

² Cf. A.J.F. Caldas, *O.C.*, p. 125.

³ *Ibid.*, p. 126.

⁴ *Ibid.*, p. 126. O local onde foi erecta primitivamente a igreja de São Dâmaso não se chama hoje Rua de São Dâmaso, mas Alameda Salazar.

estava apenas concluída a Capella-Mor, a que se dera princípio provável em 1636, havendo neste período sido alterada a sua construção (...)»⁵. Por seu lado, Alfredo Guimarães desloca para um período muito anterior a este, referindo que «(...) a Capela Mor da Igreja de São Dâmaso é um exemplar arquitectónico em que a arte clássica alcança notável resultado. Domingos Coelho e Cristóvão Fernandes, seus mestres de pedraria, pertencem à geração artística que o grande mestre Gonçalo Lopes aqui preparou durante o século XVI»⁶. O próprio autor, na legenda da gravura da igreja aposta ao texto, data o templo de São Dâmaso do século XVI⁷. No entanto o autor não chega a referir qualquer documento que comprove a autenticidade da sua afirmação. É possível, pois, que a sua base para sustentar tal datação se deva apenas a uma aproximação estilística e talvez a uma generalização de atribuir a autores conhecidos obras cujos autores se desconhecem.

Isto que afirmamos nos parece ficar melhor garantido e comprovado pela análise estilística da referida Capela-Mor da igreja de São Dâmaso. De facto o seu estilo afigura-se-nos um pouco avançado para que se possa dar muito crédito à versão de Alfredo Guimarães. Mais ainda: este autor no seu livro *Guimarães — Guia de Turismo* afirma que Domingos de Freitas levou a efeito em 9 de Junho de 1644 um contrato para a construção do corpo e frontaria do templo⁸. Contudo o próprio autor volta a não indicar o documento que lhe serviu de base à sua afirmação. Será mero cálculo? A data que refere do contrato coincide com a do testamento de Lucas Rebello, 35 anos depois!... Coincidência?

Estas dúvidas que levantamos levam-nos a reflectir que o contrato que Alfredo Guimarães «(...) refere diz só respeito à parte do corpo, mas acontecia muito frequentemente que as diversas divisões dos templos eram executadas em empreitadas diferentes

⁵ Ibid., p. 126.

⁶ Alfredo Guimarães, *Guimarães Monumental* (Porto, 1930), p. 12.

⁷ Ibid., p. 12.

⁸ Cf. Alfredo Guimarães, *Guimarães — Guia de Turismo* (Porto, 1940), pp. 142-143.

e até com anos de intervalo, mas em que os construtores eram os mesmos. A incerteza das rendas, a distinta identidade dos responsáveis pela erecção e manutenção do corpo e da Capela-Mor, etc., a isto obrigava»⁹. Julgamos, pois, que o traçado e execução do templo de São Dâmaso deva atribuir-se a Domingos de Freitas, aproximadamente no ano de 1636. Antes de mais, pela coerência e não diferenciação estilística entre a Capela-Mor e o corpo da igreja, embora este seja mais simples; em segundo lugar a afinidade e semelhança estilística leva-nos logicamente a admitir mais facilmente um único autor do que um primeiro e depois um segundo, ainda que este tivesse grande capacidade de adaptação estilística. Mais a mais as pequenas diferenças estilísticas que existem entre o corpo e a Capela-Mor justificam-se mais facilmente devido ao espaço temporal que medeia entre as datas das respectivas construções do que a correntes e concepções estilísticas diferentes (Vg. repare-se na afinidade entre as linhas da abóbada, das bases das pilastras do arco, da base do púlpito e as linhas da frontaria e seus tímpanos, e bem assim as cartelas, onde se inscreve, no roda-pé do altar, a data de 1636, e os capitéis da frontaria e a própria semelhança que existe quer entre as cruces e suas bases que encimam o templo no telhado, bem como os bolbos de remate das pilastras que são todos iguais).

No que diz respeito aos painéis em azulejo sabe-se que são do século XVIII. «Estes painéis não estão assinados nem datados, mas Santos Simões atribui-os ao monogramista P.M.P. e dá-lhes a data aproximada de 1720 (...)»¹⁰. No que concerne à talha sabe-se que «(...) em 1692 o entalhador Pedro Coelho aceitou executar,

⁹ Pedro Dias, «Alguns aspectos da arte do arquitecto vimaranense Domingos de Freitas», in Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, *Actas*, vol. II (Guimarães, 1981), p. 494. O autor preocupa-se em demonstrar desenvolvimento a grande probabilidade de ter sido Domingos de Freitas o autor do traçado e construção da igreja de São Dâmaso.

¹⁰ Agostinho Guimarães, «A Igreja Paroquial de S. Dâmaso», in *Azulejos Artísticos de Guimarães* (Porto, 1983), p. 39; cf. também, José Maria Gomes Alves, *Património Artístico e Cultural de Guimarães* (Guimarães, 1981), p. 21; e Maria Adelaide Pereira de Moraes, «Igreja de São Dâmaso», *Guimarães, Terras de Santa Maria* (Guimarães, 1978), p. 14.

para Guimarães, o soberbo retábulo da Capela-Mor da igreja de São Dâmaso, dourado e pintado seis anos mais tarde. Ao mesmo artista se encomendaram, em 1702, os quatro retábulos da nave da igreja de São Dâmaso, todos de perfeito estilo português (...)»¹¹.

2. TRANSFORMAÇÕES

2.1. Obras no antigo local onde estava edificada a igreja

Em 1641 encontrava-se concluída a Capela-Mor, altura em que o plano de construção foi alterado¹². De 1644 data o contrato para o levantamento do corpo e frontaria da igreja¹³. No ano de 1679 ainda não se haviam construído o coro nem a sacristia¹⁴. Não cessaram, porém, as obras. Se foram muitas as preocupações e cuidados para a edificação do templo, a elas seriam acrescidas muitas mais pela necessidade que houve, quatro décadas depois, de reconstruir a Capela-Mor. «*Em 1691, achando-se a Capela-Mor quasi em estado de ruína, foi necessário apear-lhe a parede do nascente até aos alicerces, e desmontar a abóbada e o arco cruzeiro até aos capiteis das columnas, que a sustentavam:— obra que n'aqueles tempos custára 334\$500 reis*»¹⁵. Mas não foi só a Capela-Mor. O próprio corpo da igreja, em estado de má conservação e ameaçando desmoronar-se, foi reconstruído à semelhança da Capela-Mor. E em 1694, «*ameaçando por sua vez ruína o Corpo da Igreja, tornou-se urgente reformal-o quasi desde os alicerces*»¹⁶. Não se sabe a época em que estas obras terminaram. Mas a data que se lê na parte infe-

¹¹ Flávio Gonçalves, «A Talha na Arte Religiosa de Guimarães», in Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, *Actas*, vol. II (Guimarães, 1981), p. 344.

¹² Cf. Padre A.J.F. Caldas, *O.C.*, p. 126.

¹³ Cf. Alfredo Guimarães, *Guimarães — Guia de Turismo*, pp. 142-143.

¹⁴ Cf. Padre A.J.F. Caldas, *O.C.*, p. 126.

¹⁵ *Ibid.*, p. 127.

¹⁶ *Ibid.*, p. 127.

¹⁷ *Ibid.*, p. 127.

rior da lápide, evocativa do facto, junto ao arco do coro-alto, é de 1698, o que parece significar que os trabalhos demoraram quatro anos. Contudo há que ler com certas reservas esta data sobre a notícia da reconstrução. O próprio Padre Caldas, em 1881, não conseguiu apurá-la: «*Assim correram desastrosamente as obras até ao seu termo, cuja época não pude averiguar também*»¹⁷.

Posteriormente, não conseguimos apurar quando, foram-lhe acrescentados a sacristia e o coro. Apenas sabemos pelo livro de actas da Irmandade de São José e anexas que «*Pelos acordos, com a então vigente irmandade do Cordão e Chagas, de 31 de Julho e 19 de Setembro de 1892, a irmandade de São José possui a sua sacristia privativa por detrás da torre do lado nascente da Igreja (...)*»¹⁸, segundo a sua antiga disposição. O mesmo aconteceu com a torre, «*(...) dos mestres pedreiros Vicente José Carvalho e João Manuel de Carvalho (1784)*»¹⁹. Por último edificou-se um padrão anexo à parede frontal da torre, cujo destino, aquando da transladação da igreja, nos foi impossível saber, não só por não constar em nenhum documento a que recorreremos, mas também as pessoas responsáveis directamente ligadas ao templo e à sua história o ignorarem. Apenas nos foi dado conhecer que uma das imagens se encontra hoje na sala de Sessões da Câmara Municipal de Guimarães.

2.2. Demolição, transladação e reconstrução da igreja

Aquando da execução do projecto de renovação urbanística em 1960, a igreja de São Dâmaso, uma vez incluída no espaço a remodelar e de acordo com o projecto, teria de ser demolida e transladada. Jerónimo de Almeida expõe-nos os factos:

«*Entre os diversos melhoramentos urbanísticos, em curso nesta hora, com o fim de à Cidade Berço imprimirem-se novos aspectos que, sem dúvida, a aformosearão, avulta essa Alameda ou prolongamento do actual Jardim Público, que se espalhará até*

¹⁸ «Livro de Actas da Irmandade de São José e anexas», Acta de 1 de Julho de 1961, p. 9.

¹⁹ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *O.C.*, p. 15.

ao alto da Senhora da Guia, no Campo da Feira. Uma vez projectada esta obra nas linhas que a compõem evidente se tornava de conveniente retirar a antiga igreja de São Dâmaso daquele local onde fora erigida, pois em absoluto prejudicaria a consecução de tal empreendimento (...)»²⁰.

O processo de demolição e transladação, que se arrastaria pela década de sessenta, não foi fácil, mercê do desinteresse e indiferença de algumas entidades públicas, no caso a irmandade da Santa Casa da Misericórdia, proprietária do templo, como se poderá verificar pelas actas da irmandade de São José, a que nos referimos. Aliás a própria reconstrução chegou a pôr-se em dúvida, como se pode verificar da acta da sessão da mesa da irmandade de São José, de 7 de Março de 1967 (pp.19v-20).

No livro de actas da mesma confraria, cujo termo de abertura data de 19 de Maio de 1952, consta na folha 7 e verso a acta da reunião de 10 de Janeiro de 1960. É nesta que se encontra a primeira referência à transladação da igreja. Mas é na acta da sessão da mesa gerente realizada em 24 de Outubro de 1960 (p. 8), na residência paroquial de São Sebastião (freguesia e paróquia a que pertencia a igreja quando localizada no local primitivo), que se menciona mais explicitamente o mesmo problema, nos seguintes termos:

«Aberta a sessão o Reverendo prior da freguesia, Senhor Padre Ezequiel de Freitas, expôs a situação destas irmandades perante a próxima demolição da Igreja de São Dâmaso, em virtude das obras urbanísticas da nossa cidade, especialmente da construção da Alameda Salazar.»

Na acta de 28 de Outubro de 1960 faz-se novamente duas referências passageiras (p. 8v) onde se refere a «*eminente transferência do templo*». Pretendendo defender os seus haveres e bens imóveis, em ofício enviado à Santa Casa da Misericórdia a confraria pede que a avise com o devido tempo quando se iniciasse a demolição (livro de actas, 1 de Julho de 1961, p. 9).

²⁰ Jerónimo de Almeida, *Os Azulejos da Igreja de S. Dâmaso de Guimarães* (Guimarães, 1960), p. 5.

Segundo a evolução das notícias relatadas das actas, estaria para breve a demolição do templo. Porém isso não aconteceria. Apenas nos inícios ou meados de Abril de 1962, se deram os primeiros preparativos para a demolição; pois só na acta de 26 de Abril de 1962 (p. 11) «*o senhor tesoureiro comunicou que a Câmara Municipal já procedeu ao arreamento dos sinos da torre da Igreja de São Dâmaso (...)*». E também só na acta de 30 de Abril de 1962 (p. 11v), no ofício que foi enviado pela irmandade de São José à irmandade da Santa Casa da Misericórdia com o fim de saber se haviam sido acautelados os direiros daquela irmandade, é que consta que a dita irmandade de São José tomara «*(...) conhecimento de já concluídas as negociações com a Câmara Municipal, sobre a demolição e transferência da Igreja de São Dâmaso (...)*»

Na acta de 10 de Junho de 1962 (p. 12v) é mencionada pela primeira vez o local para onde seria transferida a igreja, indicando-se que a reunião da irmandade de São José e anexas se realizava «*(...) na Capela do Anjo da Guarda, à rua da Rainha, pelo motivo da transferência da Igreja de São Dâmaso, em execução, para o Campo de São Mamede junto ao Castelo de Guimarães, da cidade de Guimarães (...)*». Dera-se de facto início à demolição e reconstrução do templo. Isso no-lo demonstram os seguintes excertos da acta de 26 de Agosto de 1962 (p. 13v).

«(...) enquanto se aguarda a reconstrução da Igreja de São Dâmaso no campo de São Mamede (...), foi pelo Senhor secretário declarado que, na ausência do nosso juiz, mandara reunir esta meza gerente para apreciar os trabalhos de demolição e reconstrução da Igreja de São Dâmaso, no Campo de São Mamede, (...) e com justificado júbilo aqui registamos o andamento progressivo desses trabalhos (...)»

E prossegue mais abaixo: «*Finalmente temos de nos rejubilar, as obras seguem o seu ritmo acelerado e brevemente teremos no alto do campo de São Mamede, a Igreja de São Dâmaso reconstruída, tudo salvo, graças a Deus*» (p. 13v).

Dois meses mais tarde é o próprio juiz da irmandade de São José que, segundo a acta de 15 de Outubro de 1962 (p. 15), se refere «*(...) com regozijo ao início e andamento das obras de*

reconstrução da nova Igreja de São Dâmaso, no topo do Campo de São Mamede em frente ao Castelo, encontrando-se quasi totalmente demolida a antiga, na actual Alameda Salazar.»

No entanto embora a obra de reconstrução decorresse em ritmo acelerado como já referimos, tal facto não levou a um desmazelamento na reconstrução segundo a estrutura original da igreja. É o próprio Jerónimo de Almeida que o confessa.

*«Com crescente e irreprimível alegria ali vemos levantarem-se de novo essas sóbrias paredes já platinadas pelos estragos do tempo, mas dir-se-ia agora rejuvenescidas e aprumadas em suas graves linhas de conjunto. Não faltarão ali os mínimos pormenores e tudo como que religiosamente colocado nos seus respectivos sítios, pedra sobre pedra, não se perdendo, nem de leve alterando o aspecto geral do corpo da Igreja (...)»*²¹. Inclusive foi preservado o próprio piso da igreja, assim o testemunha Jerónimo de Almeida: *«Consta-nos que o digno Senhor Arquitecto que dirige estes trabalhos optou por que fosse moldado ao gosto primitivo, ou seja figurando as sepulturas usadas naquela arredada época»*²².

Três meses mais tarde o mesmo autor reafirma a mesma coisa: *«(...) constitui um admirável empreendimento a obra de reconstrução da velhinha Igreja de São Dâmaso, chegando a causar-nos espanto a cautelosa fidelidade com que ela se está realizando. Nunca suposemos que fosse possível, ou antes fossem postos nesta empresa o carinho e inquebrantável dedicação que nos leva a um comovido reconhecimento que não podemos calar nesta hora»*²³.

Nos finais de Agosto de 1963 a obra de reconstrução aproximava-se do seu final, pelo menos no que se referia ao trabalho em pedra, obedecendo inteiramente à primitiva estrutura *«(...) de sólidas paredes onde se encaixam os quatro altares laterais da nave, a par de outros detalhes e aquela formosa abóbada da*

²¹ J. Almeida, «A Igreja de S. Dâmaso de Guimarães», in jornal *Colina Sagrada*, de 23 de Maio de 1963.

²² J. Almeida, «O Dia de São Dâmaso», in *Notícias de Guimarães*, de 8 de Novembro de 1964.

²³ J. Almeida, in *Notícias de Guimarães*, de 25 de Agosto de 1963.

Capela Mor moldada no mesmo granito»²⁴. Por esta altura estava «(...) igualmente concluída a torre até às respectivas sineiras faltando-lhe apenas a cúpula (...)»²⁵.

Nos primeiros dias do mês de Novembro de 1964 entrara a reconstrução do templo de São Dâmaso em fase de conclusão. Isto se pode deduzir da afirmação de Jerónimo de Almeida quando precisa «(...) que reabriu aquela porta dando acesso aos trabalhadores que vão, cremos nós, realizar o pavimento da nave (...)»²⁶, e também da acta da irmandade de São José da sessão de 10 de Janeiro de 1965 (p. 17v) na qual consta que «(...) o Senhor Juiz congratulou-se com todos os colegas, pelo bom andamento das obras de conclusão da Igreja de São Dâmaso (...)». Nesta altura foram unidos à igreja dois volumes, um ao corpo, do lado Norte (unidos às paredes quer da Capela-Mor quer do corpo da igreja, sensivelmente metade para cada lado).

No mesmo livro está exarado na acta da sessão de 10 de Janeiro de 1966 (p. 19) a verificação do termo das obras de reconstrução da igreja nos seguintes termos: «Finalmente o Senhor Juiz congratulou-se com a completa reconstrução da Igreja de São Dâmaso na zona do Castelo de Guimarães, aguardando-se a resolução da autoridade eclesiástica para a sua abertura (...)». Por último consta da acta da sessão de 10 de Junho de 1967 (p. 20v): «(...) a reabertura da Igreja de São Dâmaso em 28 de Maio do corrente e simultâneamente a inauguração da nova paróquia de São Dâmaso (...)».

3. PADROEIRO SÃO DÂMASO

3.1. Naturalidade de São Dâmaso

A naturalidade do papa São Dâmaso I é sem dúvida uma questão muito discutida entre os historiadores. São muitas as terras peninsulares que pretendem a honra de ser o lugar de

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ J. Almeida, *Notícias de Guimarães*, de 8 de Novembro de 1964.

nascimento ou de origem do ilustre Pontífice; entre outras Arguelguer, Madrid e Terragona, na Espanha; Guimarães e Idanha em Portugal.

Lambert Saive coloca deste modo a questão sobre a naturalidade de São Dâmaso: «*Qual foi o seu país natal? Hispânia? Talvez Roma? O problema não se encontra resolvido, mas todos os historiadores estão de acordo por tê-lo como descendente de uma ilustre família hispânica e colocar a data do seu nascimento aproximadamente pelo ano de 305*»²⁷.

Esta mesma versão é a que se encontra no *Liber Pontificalis* na biografia do Papa Dâmaso: «*Damasus, natione Spanus, ex Patre Antonio sedit annos XVIII menses III dies IX*»²⁸.

Uma localização mais precisa ainda refere-se ao papa Dâmaso, dizendo que, «*(...) qual viçosa planta regada das plácidas correntes do Vissela, e Ave, crescera nas virtudes Sanctas, sublimando com o esplendor dellas a nobre Guimarães; sim, foste tu, ó terra abençoada que lhe deste o berço à sombra d'angelicos influos; (...) A cristandade te consagra altas homenagens, berço de Sanctos, e monarchas. (...)*»²⁹. Esta opinião se pode conferir nas *Lições do Breviário de Évora* de 1548, de André de Resende: «*B. Dâmasus (...) patria Vimaranensis ex bracarensi provincia*» (col. 837), alegando na *Hispania Ilustrada* (II, P.1004): «*Ego Eborensis Ecclesiae vestustem codicem sum secuntur, quem eis vitam breviarium iusuri*»³⁰ B.J.S. Freitas assume também esta mesma hipótese quando se refere às determinações do Papa Dâmaso I relativamente ao Rito Bracarense: «*(...) é de crer, que a este Rito havia de ter o Papa Igual afeição e d'elle particular lembrança, por ser natural d'este arcebispado e nascido na antiga Villa de Guimarães, vizinha desta cidade, e com o qual se criou e observou, antes que sahisse d'este reino para a Cúria (...)*»³¹.

²⁷ Lambert Saive, «Saint Damase I», in *Un Saint pour chaque jour du mois* (Paris), p. 81.

²⁸ Valério A. Cordeiro, *O Papa São Dâmaso* (Porto, 1918), p. 7.

²⁹ *Museu Pitoresco*, vol. I, n.ºs 1 a 16 (Lisboa, 1884), p. 55.

³⁰ A. de J. Costa, «Dâmaso, S.», in *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, p. 442.

³¹ B.J.S. Freitas, *Memórias de Braga*, tomo I (Braga, 1890), p. 226.

Mas outros tantos testemunhos se podem juntar aos referidos. O escritor Chacon, escreve: «*Sanctus Dámasus, Antonii filius, lusitaniae Vimaraniensi diocesis Bracarensis (...)*»³². E nas notas ao texto acrescentou Augustini Oldoin: «*Dámasus, natione Hispanus, natus Vimarani oppido Lusitaniae inter Durium et Minium*»³³. Boaventura Maciel Aranha assinala também que «*o Famoso Pontífice Dámazo nasceu em Guimarães huma das mais illustres Villas d'este Reyno, a'nda que não no sítio que hoje existe mas em outro pouco distante, em que primeiro fora fundada aquella nobilíssima Villa que querem alguns Authores fosse cidade*»³⁴.

O Padre António Carvalho da Costa, assinala um elenco de historiadores espanhóis que afirmam o vimaranensismo de São Dámaso, tais como Vasco Morales, Filipe de la Gandra, Marquês de Mondecar...³⁵. Vários dicionários como *Lugo*, *Boulet e Lodvocat*, *Artant de Montor*, a *Enciclopédia Britânica* e o *Nuovo dizionario Storico* perfilham a mesma ideia³⁶. Com menos certeza e concedendo o benefício da dúvida a *Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo Americana* refere que «*parece fora de dúvida que é de origem Espanhola; nasceu pelos anos 304, muitos spoem em Roma, outros julgam que em Arguelaguer, perto de Besalu, província de Gerona (Espanha); há quem suponha ter sido em Madrid, e não falta entre os estrangeiros quem assinale Portugal*»³⁷.

Dos documentos vistos parece-nos lógico concluir que São Dámaso seja de origem hispânica e com muita probabilidade da *Região* de Guimarães. Ao sublinharmos *Região* temos em

³² Chacon, *Vitae Pontificum*, vol. I (Roma, 1677), p. 249.

³³ Ibid., p. 249.

³⁴ Boaventura Maciel Aranha, *Cuidados da Morte e Descuidados da Vida* (Lisboa, 1751).

³⁵ Cf. Padre António Carvalho da Costa, «Dámaso, S.», in *Corografia Portuguesa* (Braga, 1868), vol. I, p. 73.

³⁶ Cf. Manuel Alves de Oliveira, «O Vimaransismo de São Dámaso», in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. ? (Guimarães, 1981), p. 143.

³⁷ »Dámaso, S.», in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, tomo XVII (Madrid), p. 871.

mente a oportuna e cuidadosa anotação de Alfredo Pimenta: «(...) é uma infantilidade sem perdão ou atenuante, dar ao ilustre Papa, por Pátria, uma terra que não existia no seu tempo (...). No século IV — ninguém sabe o que era e como se chamava o lugar onde no século X existia a Vila de Guimarães, em que Mumadona ia fundar o seu Mosteiro. A existir gente neste sítio, concerteza se não chamava Vimarani, nome godo, só possível, portanto, um século depois»³⁸. Sabemos que no século IV, assim no-lo refere o Padre Carvalho da Costa, o centro urbano com que hoje se designa esta cidade de Guimarães era conhecido por diversos nomes: «*Alguns Autores lhe chamão Araduça, que quer dizer Cidade das letras; outros Leobriga, que significa Cidade Forte; outro Latita, Cidade Escondida, ou Lactis, pela relíquia que tem do leite da Virgem Senhora Nossa. Alguns a nomeião Columbina, & muitos lhe chamão Cidade de Santa Maria, a respeito da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Oliveira*»³⁹.

Sem mais pretensões é-nos suficiente concluir que São Dâmaso nasceu aproximadamente pelos anos 304-305, provavelmente na região que actualmente se denomina Guimarães.

3.2. Resumo Biográfico

São Dâmaso aparece-nos, ainda em criança, em Roma, onde seu pai era secretário da Santa Igreja. A educação que recebera foi esmerada, distinguindo-se a sua propensão para as letras em que se viria distinguir. Em 335 ordenou-se diácono, e posteriormente presbítero, sendo mais tarde nomeado vigário da igreja de São Lourenço. Nesta mesma altura, quando o Papa Libério foi desterrado para Bereia da Trácia pelo Imperador Constâncio, ariano, seguiu algum tempo do seu desterro, regressando depois a Roma. «*Morto Libério em 24 de Setembro de 366, formaram-se em Roma dois partidos: um, inimigo irreconciliável dos que reconheceram Félix, capitaneado por sete presbíteros e três*

³⁸ Alfredo Pimenta, Guimarães, *História*. Publicação Comemorativa das Festas Centenárias da Fundação de Portugal. Edição da Câmara Municipal de Guimarães, 1940, p. 45.

³⁹ Padre A.C. da Costa, *O.C.*, p. 3.

diáconos que elegeram Urcino, um destes, e o consagraram em seguida na Basílica de Júlio pelo Bispo Tívoli; outro, pela maior parte do clero e do povo, que reunidos em São Lourenço In Lucina, aclamaram Dâmaso, o qual recebeu a consagração volvidos oito dias das mãos do Bispo de Ostia, segundo o costume, tendo nessa altura perto de 62 anos de idade»⁴⁰.

Entre estes dois partidos resultaram confrontos que provocaram distúrbios e matanças. Juvêncio, perfeito da cidade, interveio reconhecendo a legitimidade de Dâmaso e desterrou Urcino, alegando como motivo as perturbações que causara em Roma e as suas declarações cismáticas.

O pontificado de São Dâmaso (366-384) foi sem dúvida um dos mais notáveis da antiguidade, embora tenha decorrido numa época dividida pelos cismas de Antioquia e do antipapa Urcino, e pelas heresias priscilianista, ariana, o apolinarismo e macedonismo.

Nota da sua humildade e ortodoxia foi a convocação de um concílio em Roma no ano 378 para que este o julgasse na questão contra Urcino, mesmo depois de ser depurada a verdade e absolvido pelo Imperador Graciano.

«Defendeu corajosamente a pureza da fé e a supremacia do espiritual da cátedra Romana e, auxiliado por São Jerónimo, reprimiu abusos e incutiu novo fervor à vida cristã»⁴¹. Em função disto «Fez com que em dois sínodos se condenasse os arianos ocidentais Ursácio e Valente e a depôr Auxêncio, o qual gozava dos favores do Imperador e era tido por ortodoxo»⁴².

Destacam-se no campo civil e político as suas intervenções que ocorreram para a transformação do Império de pagão em cristão e o papel de conselheiro que exerceu em favor dos imperadores Valentiano I, Graciano e sobretudo Teodósio, o Grande. *«Restaurou catacumbas e templos e construiu outros, engrandeceu Roma e promoveu o culto dos mártires, sendo, além disso, um notável escritor. São importantes as 10 cartas sinodais sobre*

⁴⁰ «Dâmaso, S.», *Enciclopédia Universal Europeo-Americana, O.C.*, p. 871.

⁴¹ A.J. da Costa, «Dâmaso». *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, p. 442.

⁴² *Ibid.*, pp. 442-443.

questões doutrinárias e sobre o primado romano em toda a Igreja e a epístola ao Bispo de Antioquia, conhecida por Fides Damasi, contra as principais heresias do tempo, em que parece ter colaborado Santo Ambrósio. Pertence também a São Dâmaso a substância dos capítulos I e II do célebre Decreto Gelasiano (...) É o primeiro epigramista cristão (...)»⁴³.

Como nota curiosa refira-se que é a ele que se deve, a conselho de São Jerónimo, a introdução do canto de «aleluia» na liturgia, mesmo fora do tempo pascal, e em particular aos domingos. Há quem seja também da opinião de que foi pelo seu mandato que se iniciou a rezar o «Gloria Patri» ao fim de cada salmo⁴⁴.

*«Foi muito louvado pelos homens do seu tempo, e cheio de virtudes e méritos descansou no Senhor em 11 de Dezembro de 386, sendo octogenário. Sua festa celebra-se a 11 de Dezembro»*⁴⁵.

3.3. Devoção e festa a São Dâmaso:

A devoção a São Dâmaso foi da predilecção da religiosidade popular na região de Guimarães, nos séculos mais recentes, e mesmo na primeira metade deste século. Isso parece justificar-se pela extrema veneração e carinho que os vimaranenses tinham por aquele que, segundo o senso comum, ali nascera e ficara perpetuado nas suas memórias como «(...) patrono de Guimarães»⁴⁶. Exemplo disso é o modo como se refere Jerónimo de Almeida a São Dâmaso, nos seguintes termos: *«(...) cumpria perpetuar pelos tempos fora a tradicional veneração dos vimaranenses pelo seu amado Padroeiro, nobre símbolo de virtudes ráticas promissoras dos futuros brios da Pátria Portuguesa. São Dâmaso tinha com efeito, despertado no coração dos seus conterrâneos um mais profundo amor pelos seculares pergaminhos da Terra, (...)*»⁴⁷.

⁴³ Ibid., p. 443.

⁴⁴ Cf. B.J.S. Freitas, O.C., p. 225.

⁴⁵ *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana, O.C.*, p. 872.

⁴⁶ Cf. José Maria Gomes Alves, O.C., p. 20.

⁴⁷ J. Almeida, O.C., pp. 5-6.

Há referências antigas, que datam de 1640, sobre a devoção a São Dâmaso⁴⁸. Como era devido a tão digno Patrono, a festa em honra de São Dâmaso principiava com vésperas cantadas na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e, no dia 11 de Dezembro, às 6 horas, seguiam-se aos repiques solenes as matinas cantadas, celebrando-se também missa solene com pregação. No fim desta saía a procissão em direcção à igreja de São Dâmaso. No livro de *Padroados*, no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, pode conferir-se que constando «(...) de muitos (anos) a esta parte se soleniza nesta Igreja a festa do gloriosos São Dâmaso, cuja imagem está no Altar Mor e por nos constar ser desta Vila o tomamos por padroeiro desta Igreja que mandamos fazer este assento que assinamos e se festejará sua festa como padroeiro dela e na reza de todo o ano se guardará a regra do breviário nas Comemorações do padroeiro (...)»⁴⁹.

Tinha, pois, São Dâmaso entrado na alma e espírito dos vimaranenses, a ponto de lhe consagrarem um templo que tomaria o seu nome. À sua festa não só acorriam os piedosos fiéis mas ela própria receberia «gala oficial» por mandado de Dom João IV, em alvará e a pedido do então prior da Colegiada Dom João Lobo de Faro, determinando «(...) aos ministros e oficiais da Câmara de Guimarães assistirem daqui em diante na Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira da Vila de Guimarães no dia e véspera em que se celebra a festa e procissão que se faz em honra de São Dâmaso, assim e da maneira que costumam assistir nas procissões de obrigação da dita Câmara, visto ser esta devoção mui devida à solenidade do dito Santo e conveniente conservar-se por autoridades e provável opinião de ser a dita Vila de Guimarães Pátria do mesmo Santo»⁵⁰.

Hoje a devoção a São Dâmaso não tem a expressão que teve outrora, nem a sua festa se reveste com a grandiosidade do passado, limitando-se à celebração da Eucaristia solenizada no dia da sua memória.

⁴⁸ Cf. Manuel Alves de Oliveira, «A Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira no seu cerimonial e as suas festividades», in Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, *Actas*, vol. II (Guimarães, 1981), p. 430.

⁴⁹ *Livro dos Padroados* (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta), p. 178v.

⁵⁰ João Lopes de Faria, *Revista de Guimarães*, vol. 33, p. 11.

4. CONFRARIAS

Nesta igreja esteve erecta a irmandade de São Sebastião, que em 178 passou para a igreja paroquial da sua invocação até 1892, ano em que sendo demolida a igreja paroquial, transitou para a nova sede paroquial (Dominicas). Segue-se a irmandade de Santa Luzia, fundada em 1806; a do Amor Divino, fundada na igreja paroquial de São Sebastião em 1732, e que transitou depois para a igreja de São Dâmaso, em data que desconhecemos; Nossa Senhora da Penha de França, fundada em 1737 na capela do Salvador da histórica igreja de São Miguel do Castelo, cujos estatutos datam de 1878; a irmandade de Santo Elói, patrono dos ourives com estatutos de 1781, mas existindo já em 1693. Desta merece referência o livro dos Estatutos dos *Ourives de ouro e prata da vila de Guimarães*, artisticamente desenhado na página de abertura, e ainda bem conservado.

Por último a irmandade de São José, e anexas, erecta em 1650 na antiga igreja paroquial de São Sebastião e transferida depois para a igreja de São Dâmaso com estatutos aprovados de 1876. É extremamente interessante o livro manuscrito em Março de 1650 *Compromisso do Patriarca São José*. Compõem-se de vinte capítulos: Da eleição do Juiz e mais oficiais da Mesa; Do que pertence ao escrivão; Do que pertence ao procurador; Dos mordomos; Dos definidores; Da aceitação dos irmãos e entradas; Das missas pelos irmãos defuntos; Da despesa do rendimento da Irmandade; Da festa do bemaventurado São José; Das multas dos irmãos; Como serão condenados ou riscados os irmãos; Do que se há-de dar pelos acompanhamentos; Das presidências; Dos dias em que se fará a Mesa, e como se votarão; Como se acompanham os filhos dos irmãos; Do aniversário dos irmãos defuntos; Em que se não revogue este compromisso sem ser chamada a irmandade.

De curioso, o termo de abertura:

«Que o Sol seia o Rei dos Planetas ninguém duvida; que ho Patriarcha São Joseph seia o Sol dos Sanctos todos o confessão; que a illustre Villa de Guimarães seia no culto divino, e nos louvores dos Sanctos a mais superior todos o conhecem; que faltassem logo nella encomios devidos ao Sol de todos a hum Raio do devino, a hum spendor da Igreja, a hum espozo Virgem

a hum Paj Puttativo de Jesu, defeito era grande. Por estas Raxões levados do amor deste gigante de santidade, e dos affectos de seu querer alguns devotos consagrarão a sua afeição hũa irmandade sita na Igreja de São Sebastião no anno de 649. E porque a experiêcia tem mostrado que as Res Públicas sem leis totalmente peressem, e por esta causa a dos Lacedómios e Romanos foram sempre cellebradas pois o Leme dos regnos; das Res Públicas, e das cidades são as Leis e estatutos porque se guovernão; Fizeram pera a sua irmandade os estatutos seguintes no anno de seissentos e sincoenta o Juiz e mais irmãos ao adiante assinados, que este presente anno são da Meza, como hos mais que forão elleitos pela irmandade Pera aprovarem este compromisso.»

Detenhamo-nos um pouco sobre o livro das actas das sessões que medeiam entre 10 de Janeiro de 1953 e 7 de Janeiro de 1971. A primeira novidade que encontramos é a de que as irmandades de Nossa Senhora da Penha de França, Amor Divino e Santo Elói se tornaram anexas à irmandade de São José, o que consta logo da primeira acta do livro, cujo termo de abertura data de 19 de Maio de 1952 (Braga). Da importância deste livro, convém referir que se trata de um valioso documento em cujas actas estão exarados os principais acontecimentos, pessoas — morais e físicas — que se encontraram ligados à demolição e reconstrução da igreja de São Dâmaso no campo de São Mamede.

Da história desta confraria assinalamos os factos que avultam em maior importância:

Em 10 de Janeiro de 1960 resolveu esta irmandade «(...) pedir à irmandade de São Crispim e São Crispiniano para que autorizasse que enquanto se reconstruísse a mesma Igreja, aguarda de todos os (...) haveres naquela Capela, permitindo ao mesmo tempo que todas as (...) imagens ali ficassem ao culto nesse espaço de tempo» (p. 7 e v.).

Em vinte de Outubro de 1960 na residência paroquial de São Sebastião colocou-se o problema do «(...) destino a dar às irmandades, pelo motivo da próxima demolição da igreja de São Dâmaso (...). Finalmente foi resolvido a irmandade de Santa Luzia transferir provisoriamente a sua erecção para a igreja paroquial, a irmandade de São Sebastião, assentou-se em princípio fusionar-se a irmandade de São Sebastião dos milagres, erecta na igreja paroquial, e a nossa irmandade e anexas acompanhar a igreja de São Dâmaso para onde for transferida, e enquanto se aguarda a sua reconstrução, acolher-se-á na Capela do Anjo da Guarda, pertencen-

cente à irmandade de São Crispim e São Crispiniano, pelo qual já há devida autorização» (p. 8 e v.).

Em 20 de Setembro de 1961 «(...) o Senhor tesoureiro, comunicou que já fez a transferência de todos os móveis e imagens para a Capela do Anjo da Guarda (...), excepto o sino (...)» (p. 10), que mais tarde foi guardado no convento de Santa Clara (cf. p. 11).

Em 10 de Julho de 1967 pela primeira vez «(...) na Igreja de São Dâmaso, (...) reuniu em sessão a Meza Gerente da mesma irmandade. (Nesta sessão constactou a Meza) o abandono que a proprietária da Igreja, Santa Casa da Misericórdia, perante nós sempre se mostrou assim como as respectivas entidades religiosas, não correspondendo ao interesse e amor que a Meza Gerente destas irmandades manifestou para a reconstrução desta Igreja» (p. 20v.).

Actualmente nenhuma destas existe. Pode verificar-se somente a existência da conferência Vicentina (homens) e a corporação fabriqueira, que, datando da altura da fundação da paróquia em 20 de Maio de 1967, tem como presidente o pároco, Padre José Maria Lima de Carvalho (primeiro pároco), secretário José Maria Gomes Alves e tesoureiro Domingos Torcato Ribeiro.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DESCRITIVA

1. ANÁLISE DO EXTERIOR

1.1. A frontaria

A frontaria da igreja, em silharia isódoma, evidencia-se de entre a torre e o volume branco anexo à fachada do lado esquerdo. Compreende duas partes distintas: a elevação propriamente dita da frontaria, que assenta numa base e é delimitada no topo pela moldura inferior do frontão, e a segunda, o frontão propriamente dito e o tímpano.

A primeira, ergue-se no plano de quatro pilastras, um pouco salientes, cuja base assenta sobre uma espécie de basamento comum a toda a frontaria. A elevação das pilastras é adossada

terminando, no cimo: as do interior por bolbos de remate, também adossados; a do ângulo lateral esquerdo, soerguendo-se um pouco, remata através de um pequeno acrotério que encima um bolbo livre; a do ângulo lateral direito da fachada, coincidindo com a da torre, prolonga-se no mesmo plano e altura desta. Ao centro duas colunas adossadas, de menor altitude e volume que as pilastras, rematam por capitéis em forma de cartela, adornados cada um com motivo floral.

O pórtico, no qual se encontram englobadas as duas últimas colunas, é formado por um arco adintelado, cujas aduelas são lisas. Suporta um frontão de proporções mais reduzidas que o superior da frontaria. Na moldura inferior está fixo um escudo arredondado ornado com motivos tipicamente renascentistas. Dos elementos que compõem o escudo apenas conseguimos discernir que se trata de um escudo terçado em faixa e que, pelo chapéu e pelas seis borlas dispostas em três séries, deveria ter pertencido a uma dignidade episcopal.

Num plano superior encontra-se rasgada uma janela, de dimensões proporcionadas com as da porta. O dintel é formado por um arco de meio ponto; a sua jambagem e repisa estão adornadas por uma margem saliente que as contornam. A «vidraria» da janela acompanha a fisionomia desta através de quadrados iguais até à linha horizontal onde assenta o arco; para cima configura-se segundo a forma criada pelas linhas simétricas divergentes que partem da linha horizontal que liga as pedras saiméis do arco.

Pelo que diz respeito ao frontão ele é quase semelhante ao que se encontra colocado no cimo da porta de entrada, exceptuada a sua base. Esta corre horizontalmente dos extremos, arqueando-se ao centro ligeiramente para cima, contornando o arco da janela, no qual se apoia um arco circular quebrado. No espaço em que este se encontra quebrado está fixo um medalhão arredondado, dominado em cima por uma cabeça humana e ao centro por uma cruz. O tímpano é liso, salvo as saliências dos bolbos de remate das pilastras interiores. No vértice do frontão está colocada uma cruz de feições rectilíneas, cujas extremidades dos braços e da barra vertical são pontiagudas.

1.2. A torre

A torre, quatro décadas posterior à frontaria é uma obra do renascimento clássico. Podemos subdividi-la em três partes mais ou menos nítidas: levantamento, limitado no cimo pelo adorno da base do frontão da igreja que se prolonga na torre, o corpo sineiro, e a cúpula.

O levantamento firma-se com o apoio de quatro pilastras, sendo visíveis apenas três em virtude da pilastra esquerda da retaguarda estar oculta pela parede lateral direita do corpo da igreja. A pilastra lateral esquerda da face frontal serve simultaneamente a frontaria do templo no ângulo direito desta. As pilastras visíveis assentam sobre pedestais adornados ou estilóbatos e rematam por capitéis lisos. Na pilastra frontal direita, encontra-se uma lápide em mármore que tem a seguinte inscrição: «MISERICORDIA DE GUIMARÃES».

No corpo sineiro denotam-se duas secções: a inferior que prolonga ainda que com diferença mínima na largura, as pilastras do levantamento, e termina ao cimo através de um arco rebaixado e uma faixa de adorno sobreposta que o acompanha. No espaço interior desta secção inscreve-se um relógio de forma circular. A secção superior é semelhante à anterior; com quatro vãos — destinados aos sinos formados por arcos redondos ao cimo, estão a estes sobrepostos outros tantos arcos acompanhados em forma idêntica na parte superior. Nos ângulos, elevando-se sobre as pilastras, existem quatro colunas.

A terceira parte, a cúpula, retoma em tamanho ampliado a forma dos bolbos de remate das pilastras da frontaria do templo, embora o vértice seja mais alongado nesta do que naqueles. A cúpula inscreve-se sobre uma base quadrangular. Nos ângulos rematam através de uma espécie de pequenos acrotérios; em cima destes figuram quatro cones sobrepostos a outras tantas simuladas colunas invertidas, aneladas na base dos cones e mais abaixo por anéis mais pequenos. O vértice da cúpula, termina por uma cruz papal.

Na torre encontram-se rasgadas cinco janelas: três do lado Norte —duas no levantamento e uma na secção inferior do corpo sineiro— e duas no levantamento, do lado Nascente.

1.3. Alçado sul

No alçado sul distinguem-se três planos: o volume adjecto ao corpo da igreja, a parede do corpo e a da Capela-Mor.

Quanto ao primeiro, do rés-do-chão e andar, parece-nos manifesta uma tentativa de conciliação entre o estilo das próprias paredes do mesmo lado, o original, e a influência da época da construção do volume. Há pormenores que parecem traduzir uma total rutura com o conjunto estilístico de todo o templo, como sejam por exemplo o traçado e as proporções das janelas. Mas avaliando o volume em si julgamos ele ser um todo bem proporcionado com uma certa coerência estilística em relação ao alçado em que se encontra unido.

Pintada a branco, como o volume que foi acrescentado e bem assim todo o exterior do templo — salvo a frontaria — a parede do corpo da igreja apresenta-se simples nas linhas e formas. Uma pilastra lisa, distingue-a claramente da parede da Capela-Mor. Ao centro da parede existe uma porta à qual se tem acesso por três degraus. Encimando-a figura uma janela, separada da porta apenas pela repisa da janela.

A parede da Capela-Mor, sensivelmente metade da do corpo quanto ao comprimento, e da mesma altura, está localizada um pouco mais dentro que a anterior, seguindo, no entanto paralelamente àquela. Uma janela rasga-a ao centro, relativamente à altura e ao comprimento da parede. Uma pilastra, rematando do mesmo modo que as outras por bolbos livres, limita-a e liga-a à parede do lado Nascente.

1.4. Alçado nascente

É a parede mais simples. Uma superfície lisa, rectangular até ao cimo das duas pilastras que a limitam, prolonga-se, sem qualquer adorno ou barra divisória, em forma triangular.

No vértice das duas linhas superiores adornadas, está fixa uma cruz sob uma espécie de pequeno acrotério, igual às anteriores.

1.5. Alçado norte

Este alçado é sensivelmente idêntico ao alçado sul, no que se refere às paredes do corpo da igreja e da Capela-Mor. Uma pilastra que as une, distingue as duas paredes formando um ângulo saliente, em virtude de a parede da Capela-Mor se encontrar deste lado também um pouco mais para o interior em relação à parede do corpo da igreja. Anexo às duas paredes, existe um volume de rés-do-chão, um pouco desviado para o lado da parede do corpo em relação ao centro do volume, Em cada lado deste volume estão rasgadas duas janelas, exteriormente protegidas com grades de ferro, excepto na parede do lado Poente, em que estão abertas uma janela e uma porta. Neste alçado, na janela aberta da Capela-Mor, pode verificar-se com maior nitidez a espessura com que ficaram as paredes aquando das obras de 1691. É bem visível no dintel da janela, no interior, uma ranhura indicativa, talvez, do volume que lhe foi acrescentado.

2. ANÁLISE DO INTERIOR

Numa visão global do interior é-nos notório que o interior da igreja de São Dâmaso se compõe de duas partes distintas: a Capela-Mor, obra do princípio do século XVII, com feição renascença, distingue-se pelo magnífico retábulo de talha, pelos catorze painéis de azulejo, pelas pinturas a têmpera das janelas e pelas abóbadas e respectivo arco; a nave, de clássicas linhas, salienta-se sobretudo pelos seus altares laterais e algumas imagens de bom recorte artístico.

2.1. A Capela-Mor

2.1.1. O RETÁBULO

No seu conjunto estrutural o retábulo denota uma harmonização entre vários estratos paralelos horizontais e linhas verticais perpendiculares, revelando pois uma nítida tendência para o estilo da renascença italiana. Contudo pode verificar-se, também, a presença de vários elementos do nosso primeiro barroco (vg. nas colunas) e uma reminiscência de certas fórmulas manei-

ristas, perceptível sobretudo na parte superior. Cremos por isso que o retábulo é um trabalho de transição; o que, aliás, se poderá confirmar pelos retábulos dos quatro altares laterais, que sendo do mesmo autor, mas executados dez anos mais tarde, são já em perfeito *estilo português*.

O retábulo apoia-se nos extremos sobre dois pedestais em forma de cartela e ao centro sobre uma base trabalhada. O altar é construído e adornado nos bordos por um caixilho em pintura, onde predominam motivos renascentistas cor de telha. Na base do retábulo estão fixos quatro suportes ou bases de outras tantas colunas, artisticamente trabalhados; em cada um dos suportes centrais na parte superior, inscreve-se um anjo atlante. O sacrário, ao mesmo nível e de configuração semelhante às bases das colunas — salvas ligeiras diferenças — está fixo na mesma base do retábulo; na porta estão talhados uma cruz e, pendendo dela, alguns motivos eucarísticos.

A elevação do retábulo firma-se em quatro colunas salomónicas, de base ática e capitéis semelhantes à forma de embude, trabalhadas a grinaldas, parra e cachos de uvas, que infundem na talha dourada tons policromados. Ao centro do retábulo um nicho, do patrono São Dâmaso, composto por dois planos: um anterior, que coincide com a superfície do retábulo, formado por pseudo-colunas gravadas no próprio retábulo e por um arco semi-circular que as prolonga e une, sendo rendilhados os bordos interiores; em perspectiva figura um outro plano constituído por um arco interior semelhante ao primeiro, e unido a este por uma pequena abóbada, também ela trabalhada e solidificada por traves. A elevação do retábulo termina por uma espécie de friso em degraus, em perspectiva para o centro, que assenta sobre os capitéis das colunas.

A parte superior, prolongando a configuração estrutural do levantamento, distingue-se já um pouco deste pela adopção de formas e linhas de influência maneirista, notória sobretudo nas quatro colunas — colocadas em paredes de cada lado, em linha vertical com as colunas interiores do levantamento do retábulo — e também nos arcos paralelos em caparnel que as ligam.

A iconografia valoriza todo o conjunto do retábulo. De salientar as imagens de São Pedro e de São Paulo, ambas dos finais do século XVII, de pintura sobre madeira e nalguns

pedaços estofada; colocadas entre as colunas do levantamento do retábulo, são caracterizadas pelo olhar sereno e pela sobriedade das linhas e pregas do vestuário, talhadas verticalmente em conformidade com os cânones da renascença italiana. Mais recente, dos princípios deste século, a imagem de São Dâmaso é construída em madeira oca, pintada, e adornada exteriormente com a tiara, e báculo e demais paramentos, de entre os quais tomam relevo a capa de asperges e a estola a imitar a pintura sobre madeira estofada. É muito possível que esta imagem que hoje existe não seja a original, em virtude da desproporção das suas dimensões com o nicho onde se encontra e a falta de coerência estilística com as imagens laterais, que são da época da edificação do templo. É, por isso, provável que existisse uma outra imagem anterior à de hoje.

Esculpida no ático, figura a cena da Estigmatização de São Francisco de Assis, numa posição convencional, de joelhos e braços abertos, contemplando a imagem de Cristo crucificado. De anotar ainda, a iconografia de vários dos seus ornatos, como sejam as sereias da predela, as esfinges aladas das mísulas que sustentam os Santos Pedro e Paulo, os atlantes das quartelas, os anjos bimbi das colunas e os querubins inscritos no friso.

2.1.2. O ALTAR E A ESTANTE

O altar actual com a configuração de uma mesa está assente em dois pés, e é móvel. Sendo recente, conjuga-se harmoniosamente com o retábulo. Há uma visível similitude entre as suas linhas e formas, e as da base do retábulo; concretamente, entre os dois pés do altar e as bases das colunas do retábulo: o mesmo se diga do friso da mesa do altar e as partes superiores, quer das bases que sustêm as colunas, quer do friso do retábulo. Os próprios motivos que adornam os lados dos pés do altar, não sendo embora idênticos aos do retábulo, parecem no entanto estar inspirados nestes, sobretudo naqueles que se inscrevem nos espaços entre as bases das colunas.

A estante, móvel, quebrando um pouco o estilo do altar, parece retomar de um modo mais simples e com feição mais elegante, as linhas e os motivos das colunas da parte superior do retábulo.

2.1.3. OS AZULEJOS E A PINTURA A FRESCO

Catorze painéis em azulejo revestem as paredes laterais da Capela-Mor. Os painéis não se encontram datados nem assinados. Porém a presença nítida de motivos ornamentais já barrocos e o próprio facto de estar ausente a policromia da chamada paleta cerâmica, —limitada aqui simplesmente ao azul— que caracteriza a azulejaria do século XVII, parece indicar que a época da feitura dos painéis se deva atribuir ao primeiro quartel do século XVIII.

O conjunto dos painéis retrata os passos mais significativos da vida de São Dâmaso: o baptismo, a apresentação ao Papa Libério, o diaconado, o presbiterado, o vicariato na igreja de São Lourenço em Roma, a ascensão ao pontificado, milagres operados ainda vivo, a sua morte, a veneração do seu túmulo, a sua presença nalguns dos concílios que convocara, confortando os pobres, recebendo talvez das mãos de São Jerónimo o original da Vulgata...

Todos estes quadros figurados estão rodeados de molduras de azulejos profusamente decorados, que os ligam uns aos outros; a composição destas molduras é variada, sendo visíveis nas faixas dispostas verticalmente: bases semelhantes às de colunas, sustentadas por atlantes; cartelas ornadas de flores e por tiras tracejadas; coroas em forma de vasos das quais se erguem complexas grinaldas de flores variadas. Nas faixas dispostas horizontalmente predominam folhagens de acanto estilizadas em forma de volutas, entremeadas de festões de verdura e flores dispersas, e ainda querubins, cujas posições se coadunam com a imagem de movimento que os motivos aludidos suscitam.

A jambagem das janelas, abertas nas paredes onde se encontram os painéis, está revestida de pintura a fresco. Relativamente ainda bem conservada pode notar-se uma certa afinidade de estilo em relação aos adornos das faixas dos painéis, muito embora a estrutura e disposição dos motivos que adornam as janelas sejam menos complexas e as formas menos perfeitas. Entre os adornos predominam motivos florais e folhagens que se abrem em espécie de leque do interior de vasos estilizados. Há ainda nas jambas querubins de olhar místico, e no dintel, anjinhos ladeando um medalhão. Não nos foi possível determinar

se a pintura das janelas é contemporânea dos painéis. É certo que era frequente o uso de «(...) aparecerem a colaborar com a decoração as pinturas ornamentais a fresco, a têmpera, ou a óleo, aplicadas nas paredes, nas pilastras e nas colunas, nas abóbadas e nos tectos de madeira»⁵¹. Porém, já o referimos, sabemos que os azulejos são de época posterior à talha (1692) do retábulo. Sabemos ainda que esta fora colocada encobrendo uma pintura semelhante à das janelas de que hoje não há vestígios: «Deste modo se depreende que essa pintura constituiu motivo ornamental a servir como que de pano de fundo a qualquer retábulo então destinado ao culto»⁵². Não há portanto certeza se a pintura a fresco datará do tempo dos painéis ou da pintura que o retábulo encobriu. Pelas razões de afinidade de estilo com os caixilhos dos azulejos e pelo estado de conservação, somos inclinados a tomá-lo como sendo da época dos painéis.

2.1.4. A ABÓBADA DA CAPELA-MOR

Com feição renascença e da autoria de Cristóvão Fernandes e de Domingos Coelho, a abóbada de canhão da Capela-Mor é uma obra de boa cantaria, com ar sóbrio e dotada de uma boa qualidade de elementos estéticos. As nervuras paralelas e rectilíneas traçadas ao comprimento cruzam-se com outras nervuras semicirculares traçadas à largura, formando assim um conjunto simétrico de caixotões, embora de diferentes dimensões. Porque tanto as nervuras em barras como as semicirculares se encontram, alternadamente, dispostas a distâncias diversas mas regulares. Assim, na faixa central, os caixotões tomam, alternadamente, a forma de rectângulos e quadrados, em número global de sete, estando um extremo encoberto pelo retábulo.

Nos interiores dos caixotões estão esculpidas cruces, cujas formas geométricas acompanham as dos caixotões. De cada lado da faixa central estende-se uma faixa mais estreita numa proporção —em largura— de dois terços da central. Segue-se pois que as formas geométricas quadrangulares resultantes do cruzamento das nervuras rectilíneas com as semicirculares são já em dimensões inferiores às quadrangulares da faixa central;

⁵¹ J. Almeida, *O.C.*, p. 8.

⁵² J. Almeida, *O.C.*, p. 8.

e as rectangulares estão já dispostas na direcção do comprimento da abóbada. Sucedem-se, para cada lado, duas outras faixas: respectivamente, as primeiras iguais à central, e as últimas idênticas às laterais desta.

Os adornos das cornijas, reforçadas pelo apoio de modilhões, são recortados por três vãos. O arco cruzeiro, de meio ponto, está adornado por duas faixas estreitas que formam uma espécie de caixilho; na face voltada para o corpo da igreja, inscrito na pedra-chave do arco, há um escudo arredondado, com borlas episcopais, em cujas faixas se encontram, diagonalmente e dispostas a partir do ângulo superior direito, três flores de lis. Está apoiado em duas pilastras graníticas, cujos capitéis prolongam os feitos das cornijas da abóbada, e terminam na base por dois estilóbatos não muito complexos.

2.1.5. O TÚMULO DO FUNDADOR

Encaixilhado num vão da parede lateral esquerda da Capela-Mor, defronte da porta que dá acesso à sacristia, encontra-se o túmulo do fundador. Compõe-se de uma base inferior com uma face visível em forma de rectângulo, em cujos ângulos superiores se encontram dois adornos convexos estriados; colocado sobre esta base há um outro volume de forma semelhante encimado por uma pirâmide recortada no topo formando dois vértices, na qual está esculpida, ao centro, um escudo arredondado, onde são visíveis cinco flores de lis, dispostas em cruz, de braços diagonais.

Na base inferior que sustem a pirâmide, encontra-se, já um pouco gasta, a seguinte inscrição em latim:

*«Re-bellus Lucas abbas qui rexerat olim Regildae templum
conditus hocce jacet Ipse sibi tumulum Damaso quoq construxit*

Aedem.

*Iactite ut natos patria tanta duos.
Iam quod pastor ovem coelesti sede locavit,
Pastorem templo grata reponit ovis.»*

Renovada
no anno de 1825

*«O Abade Rebelo que outrora regeu o templo de Regilde, jaz
aqui sepultado.
Ele mesmo construiu para si um túmulo e construiu o templo
em honra de São Dâmaso.»*

*Considerai como filhos em tão grande Pátria.
Já que o pastor colocou a ovelha em lugar
celeste,
A ovelha agradecida repõe o pastor no templo.»*

2.2. O Corpo da igreja

No corpo da igreja sobressaem, de um modo especial, os quatro altares laterais, cujos retábulos e imagens dominam em interesse. Os retábulos, todos iguais na sua estrutura e em perfeito estilo português, compõem-se, em torno do camarim, por duas colunas de cada lado, pseudo-salomónicas, que se prolongam na parte superior por arcos semicirculares. Note-se que a iconografia menor, que caracteriza e enche as talhas da Renascença italiana e do barroco, tem nestes retábulos uma presença mínima. O que manifesta que os supramencionados retábulos estão já impregnados pela afirmação de um estilo português próprio. Indicativo disso é a predominância dos adornos tipicamente campestres, como sejam cachos de uvas abundantes, a parra e os pássaros, que tornam a ornamentação exuberante, principalmente nas colunas.

Os altares inscrevem-se na base dos retábulos e sobressaem destes; a sua forma é côncava nas faces verticais, que estão crivadas de correntes pontilhadas, lisas e curvas, ambas douradas.

Para além das imagens de Nossa Senhora de Fátima, que data dos meados deste século, e de Santa Luzia, talvez dos meados do século, merecem especial apontamento as imagens de Santo Elói e da Sagrada Família. A imagem de Santo Elói, patrono dos ourives, em pintura sobre madeira estofada coberta a ouro, sobressai, sobretudo, pelo ar enigmático, plácido e calmo. Toda a estrutura da imagem, o domínio das linhas quase verticais e a própria pintura, leva-nos a datá-la no século XVII.

As imagens da Sagrada Família, também pintadas sobre madeira estofada coberta a ouro, parecem impregnadas de movimento; o olhar afectuoso de Nossa Senhora e emotivo de São José, a estrutura também vertical das suas linhas gerais, a que acrescem já outras mais complexas em direcções várias no manto de Maria, e o próprio facto de ser já visível os pés na

imagem de São José, leva-nos a datar estas imagens da segunda metade do século XVII.

Num último reparo, parece-nos que a coroa da imagem de Nossa Senhora é de dimensões desproporcionadas com as de toda a imagem, mesmo tendo em conta quer o estilo da época quer a própria técnica iconográfica que atende ao maior desenvolvimento da parte superior das imagens. Será original?

De todo o corpo da igreja são ainda de referir alguns pormenores: a talha do púlpito e dos dosseis dos altares laterais, sublinha um esforço de conjugação e harmonia estilística com os retábulos dos altares laterais — embora estes sejam demasiado anteriores — conseguido razoavelmente; outro pormenor é o facto de o pavimento ser exactamente o mesmo da origem, composto por faixas em pedra nas quais assenta o tabuado em forma de sepulturas; por último registamos que, inscrito na coluna esquerda que sustenta o arco do coro, encontra-se numa folha de cobre um poema latino onde se lê o seguinte:

*«Et Damaso templum, e miseris extracta proseucha
Abbatí Lucae nomina magna dabunt.
Aecuum erat Abbatem pastori templa dicare,
Pastoris siquidem numere pastor erat.
Consulto, meditor, constructa est machina duplex.
Multiplici ut Dominum Colligat arte pirus.
In templo Christum specie nam suscipit escae,
Pauperis informa Colligit Hospitio.
In templo Dominum pascit, qui pascitur aeque
Limine cum nostro fercula pauper edit.
Pauperis Hospitio Domino convivia praebet,
Conviva in templo qui simul epse fuit,
Hic ovibus tantum propriis sacrisq ministris
Esuriem terrae pellere cura fuit.
Queisq famem extinxit vivens, hos pinguia coeli
Rocula nunc avido corde sitire cupit.
Non habet adstrietam mensuram temporis aeger,
Aste veniens sospes triduus hospes erit.
Catholici fructus operum caementa dedêre,
Sic docet expendi quomodo sacra decet.»*

1698. D. fr. a Sp. S ihhuen.

Em tradução:

«O templo em honra de São Dâmaso
E as construções em favor dos infelizes
Dão grande nome ao Abade Lucas.
Era justo que o Abade dedicasse o templo ao pastor,
Já que o pastor exercia funções pastorais.
De propósito, medito, esta construção é dupla.
O piedoso preste culto ao Senhor com arte múltipla.
Pois recebe Cristo no templo na espécie de alimento,
Recebe no hospício os pobres,
Ele que foi simultaneamente conviva no templo.
Aqui neste lugar cuidou só das próprias ovelhas e dos sagrados
[ministros.

Cuidou de repelir a fome na terra.
Vivendo extinguiu a fome àqueles que tinham fome.
Agora deseja ter sede com o coração ávido,
Deseja os alimentos e as bebidas do Céu.
O doente não tem medida limitada de tempo,
Mas vindo será hóspede por três dias.
Os católicos das obras deram fundamento,
Assim ensinará como convém gastar os bens eclesiásticos.

1698 D. Fr. Gregório do Espírito Santo

Acresce ainda registrar que entre as alfaias litúrgicas pertencentes à igreja de São Dâmaso, conta-se uma píxide com a seguinte inscrição: «Irmandade do Cordão e Chagas de Guimarães», e um cálix com os dizeres gravados: «Este Cales deo o Abade Tagilde no anno de 1665 se esta irmandade se abolir a mesericórdia toma conta dela».

José Manuel de Oliveira Ribeiro

Anexo

D. FRANCISCO MARIA DA SILVA, POR MERCÊ DE DEUS
E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA, ARCEBISPO E SENHOR
DE BRAGA, PRIMAZ DAS ESPANHAS

CONSIDERANDO que o plano de urbanização da cidade de Guimarães obrigou à deslocação das populações desalojadas para os arredores e criou zonas novas humanas que se afastaram dos tradicionais centros em que se situam as igrejas paroquiais;

Considerando que é necessário atender ao bem espiritual dessas zonas com a criação duma nova paróquia;

Considerando que todos os RR. Párcos de cujas paróquias são desmembrados territórios concordaram plenamente com a criação da nova paróquia;

Considerando que, ouvido Sua Senhoria o Cabido, concorda com a erecção da nova paróquia;

Considerando que as zonas em questão que ficam a fazer parte da nova paróquia contém uma população de 3.500 pessoas;

HAVEMOS POR BEM CRIAR A PARÓQUIA DE S. DÂMASO com sede na igreja de S. Dâmaso com os limites seguintes: a começar na viela do Verdelho, a partir do Dispensário Antituberculoso, pelos limites dos quintais da Casa do Salvador, quintais do Araújo, quintais da Fábrica do Ribeirinho, cortando a Barroca do Ribeirinho, Portal da Veiga, seguindo pela Rua de S. Torcato dum lado e doutro, Dourada, Entre-Vinhas, tomando novamente a Rua de S. Torcato pela margem direita até à Capela da Madre de Deus exclusive, segue o caminho do Monte Largo pelo limite da paróquia de Aldão até ao Caminho de Ferro. Após o Caminho de Ferro continua pelo caminho do Monte Largo, margem direita até ao marco que se encontra junto ao Cruzeiro. Desce a estrada nacional pela margem direita até ao Canto de Baixo, Rua Padre António Caldas, pela futura avenida que daqui segue perpendicular à Rua Duques de Bragança, terminando no Campo de S. Mamede onde está situada a Igreja de S. Dâmaso.

Dado em Braga, aos vinte dias do mês de Maio do ano mil novecentos e sessenta e sete.

E eu, Dr. AIRES PEREIRA, Chanceler desta Cúria Arquiepiscopal a subscrevi.

(† FRANCISCO, Arcebispo Primaz)